

MIELI, Paola. *Sobre as manipulações irreversíveis do corpo e outros textos psicanalíticos*. Rio de Janeiro: Contra Capa/Corpo Freudiano do Rio de Janeiro, 2002. 96 p. ISBN 85-86011-55-X.

Sobre as *Manipulações irreversíveis do corpo e outros textos psicanalíticos*, de Paola Mieli – psicanalista italiana que trabalha em Nova York, onde dirige a *Après-Coup Psychoanalytic Association*, instituição-membro da *Convergência* –, não é um livro de cuja leitura se saia ileso. Isto talvez se deva às importantes questões que ele aborda – questões sobre as quais nenhum psicanalista pode deixar de se indagar. O certo incômodo que ele traz é por colocar os psicanalistas frente a impasses para os quais as soluções não são simples, ou mesmo não existem. Este definitivamente não é um livro fácil de ser lido, não por causa da escrita, que é cristalina, o que demonstra uma grande subjetivação dos textos de Freud e de Lacan, mas por causa do desvelamento da problemática inerente ao exercício do psicanalista que ele provoca.

Os sete artigos que o compõem discutem, com um rigor invejável, movimentos do campo social, como a marcação definitiva do corpo com *piercings* ou tatuagens, e do campo psicanalítico, como a inserção em universidades, hospitais e instituições de transmissão, sempre colocando como referencial central o discurso psicanalítico, onde quer que ele esteja. O ponto forte do livro, e exatamente o que o sustenta, é exatamente o comprometimento de Mieli com seu referencial, voltado sempre para a prática ao invés de uma pura filosofia infecunda.

O primeiro artigo, que lhe dá o título, trata das contribuições inovadoras que a

autora retirou de sua experiência clínica com manipulações voluntárias e irreversíveis do corpo, como tatuagens, cirurgias plásticas e cicatrizes voluntárias. Ela defende que toda manipulação corporal possui motivações, razões e necessidades particulares, que devem ser estudadas dentro da história subjetiva de cada paciente, levando em conta seu universo simbólico específico, sua cultura e sua sociedade. Isso, porém, não impede que se crie uma hipótese sobre por que essas manipulações se disseminam tão facilmente, e é exatamente isso que Mieli faz, com um caráter inovador.

A sustentação teórica que ela utiliza para elaborar sua contribuição baseia-se na ideia de uma geografia erógena constituída pela letra. Utilizando a noção de *estádio do espelho*, de Lacan, ela postula que o ser humano assume como própria a imagem do outro, ou seja, que a imagem de si se estabiliza sobre a borda de uma fronteira entre o eu e o Outro, o que só é possível pela inscrição do que ela destaca como *traço*. Esse *traço*, diz ela, não é um significante, mas possivelmente um signo de concordância, de aprovação, de testemunho, que aparece sob a forma do olhar do adulto que cuida da criança. Ele é o termo simbólico primordial que confirma e estabiliza a imagem especular, sendo o responsável pela possibilidade de uma satisfação narcísica ligada ao eu ideal, da qual ele é condição necessária.

Fruto de uma intervenção particular do Outro no corpo, ocorre a designação, pelos

significantes, de um lugar no corpo, que Mieli nomeia como *punctum*, e que captura o sujeito de tal forma que absorve sua atenção e engole sua imagem. Esse lugar é aquele a partir do qual o sujeito se sente olhado por todos e que “pede” uma manipulação.

A manipulação irreversível do corpo tem como objetivo transformar o que é *punctum* no que a autora cunhou de *landmark*, palavra inglesa que possui três significações: 1- marca que designa os limites de um território; 2- objeto proeminente que marca uma localidade, muitas vezes histórica, objeto elevado que serve de guia; e 3- acontecimento, que é ponto de virada de um certo período.

A tese que Mieli apresenta no artigo é a de que a particularidade da intervenção do Outro que gera um *punctum* teria a ver com um contexto no qual a função paterna é posta em questão. Assim, o *landmark* seria uma tentativa de ancoragem simbólica, um indício da necessidade de uma inscrição representativa de um traço da função paterna.

Segundo ela, neste contexto, o *punctum* desempenha um papel agressivo de um supereu corporal que não cessa de subtrair do corpo sua imagem, e assim o corpo se manifesta de forma persecutória pedindo um *landmark*.

No segundo artigo, intitulado *Os tempos do trauma*, Paola Mieli chama a atenção para o papel desempenhado pela realidade e pela fantasia na instauração de um evento traumático. Ela retoma os textos freudiano e lacanianos de uma maneira extremamente rigorosa para refletir sobre debates que, no país em que mora, os Estados Unidos, terminam nos tribunais e ocasionam citações de pais e professores como suspeitos de abusar de crianças.

O artigo não faz a apologia, nem tenta minimizar os efeitos ou pôr em questão o valor de realidade de certas experiências traumáticas, mas mostra que traumas

revelam-se como uma espécie de necessidade porque fazem parte dos elementos essenciais de uma neurose. O próprio acontecimento da sexualidade é, por si só, traumático, independente de uma sedução que juridicamente se comprovasse como real.

O fato da sexualidade humana se organizar em torno das zonas corporais em que ocorre uma troca privilegiada com o Outro materno faz da sedução um fator inevitável. Ou ela ocorre ou a criança morre por desamparo. Neste sentido, a mãe é forçosamente traumática, e por meio dos cuidados maternos torna-se sua primeira sedutora.

Quando Lacan propõe, a partir da equação simbólica *falo = criança*, introduzida por Freud, que a criança é objeto de gozo da mãe, fica bem claro que o trauma põe em cena uma transmissão de gozo entre o sujeito e o Outro. O que Mieli mostra é que a questão do trauma, portanto, implica necessariamente que se leve em conta o lugar ocupado pelo sujeito na fantasia de seu Outro sedutor, porque é lá que ele encontra seu reconhecimento e estrutura sua própria fantasia. Em outras palavras, existe uma função-chave na relação entre sexualidade e fantasia, e o surgimento do trauma, que Freud sustentou até o fim de sua obra.

No artigo chamado *A feminilidade e os limites da teoria*, Mieli trata talvez do ponto mais problemático da psicanálise e da posição de impasse em que ele coloca os psicanalistas. Este é talvez o artigo mais importante do livro porque nos coloca frente a frente com o limite com o qual esbarramos teórica e clinicamente. Ao fazer isso, ele revela o que há de mais peculiar no discurso psicanalítico, a sua ética da falta, e exatamente por isso é um tema que nenhum psicanalista pode deixar de abordar em seu percurso. Ele *não pode* tanto no sentido de que deve trabalhar o tema, como no sentido de que *não pode* evitar ser açoitado por ele porque ele se impõe à nossa revelia.

A autora resume a idéia lacaniana da feminilidade como um domínio enigmático citando Piera Aulagnier, que diz que “feminilidade” é o nome dado pelo sujeito do desejo ao objeto quando este falta, e que representa o encontro com o limite da significação. A questão que Mieli traz é exatamente fruto disso – a de que quando a psicanálise trata da feminilidade, ela vai de encontro a um limite, a um ponto de desconhecido que revela a natureza de sua teoria.

Se uma teoria tende a encontrar respostas para preencher uma falta de saber, a impossibilidade de simbolização que está presente quando a feminilidade está em jogo coloca em um impasse toda a relação da psicanálise com seu saber. O discurso psicanalítico não pode, de modo algum, ser igual ao discurso da ciência, que procura achar respostas adequadas e sustentar a ilusão humana de que a castração simbólica pode ser evitada. A peculiaridade do discurso psicanalítico reside totalmente nesse fato de que a feminilidade tem o poder de desmascarar um discurso que se diz absoluto e universal.

Como proceder em relação a isso está no cerne da questão do que é ser psicanalista, questão que é muito mais difícil de ser discutida do que a questão de como não ser psicanalista. Isto porque é muito fácil *não* ser psicanalista em qualquer contexto do campo social, tema que Miele aborda nos dois últimos artigos do livro – *Fins e O que significa hoje ser lacaniano para um psicanalista?*

Nesses dois artigos, ela coloca mais um problema aos psicanalistas, ao se indagar sobre o que se pode dizer dos diferentes tipos de trabalho analítico que ocorrem fora de uma análise, como a supervisão, o trabalho em hospitais, a transmissão da psicanálise e seu ensino.

Mais uma vez ela traz à tona a questão do saber, que já havia sido reconhecido como não-todo. Na clínica, o amor de transferência

é uma atribuição ao Outro de um saber que escapa ao sujeito por se tornar inconsciente para ele, um saber suposto preencher sua falta. O analista deve deixar cair sua roupagem de sujeito-suposto-saber e a idealização que o paciente fez dele para permitir que o objeto causa do desejo apareça, e que haja análise. Isso, porém, não fica tão óbvio quando o analista está fora de sua clínica, como por exemplo em uma instituição psicanalítica.

A instituição, já dizia Freud – e Mieli o aborda de forma primorosa –, funciona como uma ilusão, uma crença que dá ao sujeito uma identidade estável e apaziguadora que aponta para uma completude. Nada, portanto, mais em desacordo com o discurso psicanalítico.

A questão que a autora traz é a de que existe uma tensão estrutural entre o discurso do sujeito, da qual a psicanálise é guardiã, e o discurso social. De que maneira os psicanalistas podem conciliar os dois é um drama que afeta o psicanalista a cada vez que ele é chamado a falar sobre sua posição, e que o obriga a estar sempre retornando a sua prática. Como estar sob um funcionamento institucional que parece comprometer a própria existência do ato psicanalítico é uma dificuldade da qual o analista que faz parte de uma instituição não consegue escapar.

É nesse ponto de sustentação do precário, e sem dar soluções para os dramas que o psicanalista enfrenta, que Paola Miele termina o livro de forma fabulosamente ética e nos deixa com um mal-estar inerente à nossa prática clínica e teórica.

Alexandre Louzada

Psicólogo (UFRJ); Especialista em Psicanálise e Saúde Mental (UERJ); Mestre em Teoria e Clínica em Psicanálise (UERJ); Membro do Corpo Freudiano do Rio de Janeiro.

e-mail: alouzada@yahoo.com.br